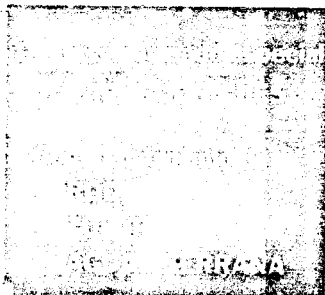


ACORDO DE NKOMATI A ESPERANÇA PARA A ÁFRICA AUSTRAL

Pouca gente acreditaria que a África do Sul e Moçambique, de uma agressão constante fronteiriça, passasse para um apaziguamento rápido. E em pouco mais de um ano de conversações, em que Portugal também teria um papel decisivo, transitou-se da guerrilha para a paz, aquela paz que é aspirada pelos povos dirigidos por Pieter Botha e por Samora Machel. Por um lado, o desejo de se evitar o agudizar de uma situação que poderia levar a interferências pouco desejáveis naquele continente, por outro, a necessidade de se sanar uma situação de carência, levou os dois governantes a darem as mãos, embora elas não se fechem e nem se abram da mesma maneira.

Mas ambos os governantes, independentemente das suas ideologias políticas puseram acima das abismais posições os interesses do Povo. E Nkomati ficará na história dos dois povos como marco que assinalará o desejo da confraternização e de apoio mútuos. «O nosso acto de assinar (...) este tratado abre um novo caminho na história da África Austral», disse Pieter Botha, salientando que «por ele fazemos saber ao mundo a nossa convicção de que Estados com sistemas socio-económicos e políticos diferentes podem conviver em paz e harmonia e trabalhar em conjunto na prossecução de interesses comuns».

Pieter Botha sublinharia que o acordo Nkomati é um acto de fé da parte dos nossos dois governos (...) na solução dos problemas realmente importantes na nossa região e trabalhar para



satisfazer as necessidades fundamentais dos nossos povos».

Samora Machel, respondendo a Pieter Botha, depois de considerar histórico o acordo diria que «não queremos que a África Austral ou o nosso Continente... sejam detonadores de uma confrontação à escala mundial. A paz, disse, existe quando sem discriminação se respeita a vida, a liberdade, a igualdade e a dignidade do homem, suolinando que o acordo desempenha papel importante no aproveitamento de recursos porque sem paz e tranquilidade não há desenvolvimento».

ÁFRICA DO SUL REDESCOBRE MOÇAMBIQUE

Este acordo de Nkomati abre excelentes perspectivas para os homens de negócio de África do Sul que procuram já investir neste país donde, a maior parte, foi obrigada a sair nos tempos conturbados de 1975. Comidas e bebidas voltam a ser o aperitivo fraterno, de ambos os países nos cafés da linda cidade moçambicana.

Como já informámos, grupos de hotéis estão em negociações para a construção de um hotel de cinco cozeiras, com casino, na

Ilha Inhaca, ao largo de Maputo. Os sul-africanos anseiam por regressar às praias e restaurantes de mariscos de Moçambique que tanto os deliciaram antes de 1975.

Há toda uma movimentação de procura de colaboração entre o Governo de Pretória e o de Maputo não só no que concerne a debelar a grave crise financeira deste último (serão cerca de 7 milhões de dólares) mas também nos sectores agrícolas, turísticos, industriais. Basta que haja inteira segurança.

Segundo fontes fidedignas o Citrus Exchange sul-africano, o maior utente do Porto de Maputo, abriu uma nova câmara frigorífica no porto de cerca de duas mil toneladas. Assim Moçambique deverá manejar 25% das exportações de citrinos oriundos da África do Sul.

Mas também Portugal gozará destes acordos, quer de Nkomati, quer do de Cabora Bassa como teremos oportunidade de referir.